
A mente e os artifícios do *Homo Zapiens*¹

Aristides Alonso²

Resumo A ideia de *Homo Zapiens* reflete sobre as mudanças verificáveis na geração nascida após 1990 – as “gerações digitais” ou “nativos digitais” – constituída de pessoas em contato permanente com a computação em rede e a cultura cibernética. Como a tecnologia nos capacita a obter informações com facilidade, a sociedade está mudando seu modo de considerar a cultura, passando da simples obtenção da informação à comunicação, à interpretação e à negociação. Novas competências são verificáveis nos nativos digitais e nossos velhos parâmetros não lhes servem mais como referência. Para MD Magno, criador da Nova Psicanálise, o *Homo Zapiens* é o homem contemporâneo do pensamento e do comportamento *ad hoc*, caso a caso, afastando-se de configurações ideológicas, políticas, filosóficas ou artísticas pré-determinadas. Afastamento que sinaliza o advento de um novo império cultural, o Quarto Império.

Palavras-chave: *Homo Zapiens*; Redes digitais; Pensamento e comportamento *ad hoc*; Quarto Império.

Abstract The idea of *Homo Zapiens* reflects on verifiable changes in the generation born after 1990, the “digital generations” or “digital natives”, made up of people in permanent contact with network computing and cyberculture. As technology enables us to obtain information easily, society is changing its way of thinking about culture and new forms of communication. New skills are verifiable in digital natives and our old parameters

¹ Texto revisto de palestra apresentada no *ArTecnologia: III Simpósio Internacional sobre Tecnologias e Cultura Contemporânea, Painel 3: Digital Humanities: Usos e efeitos de tecnologias nas Ciências Humanas* em 25 novembro 2016.

² Professor (UERJ (aposentado) e FACHA/RJ). Doutor em Letras (UFRJ). Pós-Doutor (CECL / Universidade Nova de Lisboa). Diretor da NovaMente. Pesquisador dos Grupos de Pesquisa/CNPq: “Redes Sociais, Ambientes Imersivos e Linguagem” e “ETC: Estudos Transitivos do Contemporâneo”. Coordenador da Oficina Galáxia Freud.

no longer serve us as reference. For MD Magno, creator of the New Psychoanalysis, *Homo Zapiens* is the contemporary man of thought and *ad hoc* behavior, case by case, moving away from predetermined ideological, political, philosophical or artistic configurations. A departure that signals the advent of a new cultural empire, the Fourth Empire.

Key words: *Homo Zapiens*: Digital network; Thought and behavior ad hoc; Fourth Empire

Ingressamos na *era das próteses*. As máquinas estão integradas indissociavelmente à nossa vida, e temos com elas uma relação de dependência e transas de toda ordem. Graças às conexões de todo tipo (tecnológicas, físicas, biológicas e psicológicas), dispomos de meios de conhecimento e ação cada vez mais rápidos, poderosos e indistintamente disseminados.

A fronteira que separava natural de artificial foi diluída. Estamos em simbiose com o meio ambiente, assim como com as máquinas, os sistemas e as redes que criamos para sobreviver ou garantir crescimento e desenvolvimento. A ideia e o ideal de homem (tão caros aos antigos humanistas) ruíram, e um novo *design* emerge forçando reflexões que ultrapassam as ficções que tanto nos encantaram no passado. Frankenstein, ciborgues, robôs, não dão conta desta nova configuração da ideia de *pós-humano* ou *transumano*, desse “deus de prótese” (FREUD, 1974, p. 111) que nos tornamos.

Neste panorama, a ideia de um ARTIFICIALISMO RADICAL – proposta por MD Magno –, servirá como lente para considerar qualquer realidade que se apresente, com o intuito de destacar questões decisivas para o entendimento da nova cultura que está se formando e do que se nomeou *Homo Zapiens*, aparentemente uma nova espécie que atua na cibercultura global constituída pela computação em rede.

Homo Zapiens

A expressão latina *Homo Zapiens* vem em contraposição ao conhecido *Homo Sapiens*, nome dado à espécie dos seres humanos para significar: “homem sábio” ou “homem que sabe”. Inclui toda a Humanidade. O termo *Homo Zapiens*, por sua vez, parece ter sido primeiramente usado por Victor Pelevin no romance *Homo zapiens* (2002), uma sátira à sociedade russa que entrava no capitalismo de consumo após a derrocada da União Soviética. O colapso econômico que se seguiu é também a culminância de um processo político-social iniciado na década de 1980. Em um período relativamente curto, a economia da União Soviética experimentou mudanças que causaram, entre outras coisas, a própria dissolução de sua unidade política na década de 1990. Essa dissolução deu

origem a vários países independentes, cada um com sua própria constituição, e todos experimentaram uma convulsão econômica na transição para o capitalismo. O romance de Pelevin aborda criticamente esse momento e descreve o surgimento de uma nova geração que se insere no mundo do consumo e nas novas possibilidades oferecidas pela internet e pelas redes sociais.

O surgimento de uma nova geração digital também foi tratado por Veen e Vrakking em *Homo zappiens: educando na era digital* (2009). A ideia de *Homo Zappiens* (com dois pp) reflete as mudanças verificáveis nessa nova geração, a geração Z (nascidos a partir de 1990), chamada também de “geração digital”, “geração instantânea”, constituída de pessoas em permanente contato com as mídias digitais e a internet, e tem à disposição uma quantidade enorme de informação para ser zapeada. O Google é certamente uma extensão da mente e o número de usuários das tecnologias digitais cresce exponencialmente:

O *Homo zappiens* aprende muito cedo que há muitas fontes de informação e que essas fontes podem defender verdades diferentes. Filtra as informações e aprende a fazer seus conceitos em redes de amigos / parceiros com que se comunica com frequência. A escola não parece ter muita influência em suas atitudes e valores. Chamaremos essa geração de *Homo zappiens*, aparentemente uma nova espécie que atua

em uma cultura cibernética global com base na multimídia (VEEN e VRAKING, 2009, p. 30)

Os autores descrevem as seguintes competências verificáveis nessa nova geração, os *nativos digitais*: habilidades icônicas (incorporação de símbolos e ícones para a busca da informação), pois esses jovens pensam cada vez mais por imagens; a execução de múltiplas tarefas (*multitask*), operando várias mídias ao mesmo tempo; o ato de *zapear* (determinação dos núcleos essenciais de informação pertencentes a um fluxo de informação na busca de conhecimento significativo); comportamento não-linear (informações diferentes provenientes de canais diferentes); habilidades colaborativas para transpor e resolver problemas conjuntamente em situações complexas; soluções criativas de problemas; e pensamento digital e aprendizado autodiretivo e autodidático (VEEN e VRAKING, 2009).

O verbo *zapear*, segundo o dicionário Caldas Aulete, significa: 1. Percorrer (canais de TV) ou trocar de (canal) incessantemente por meio do controle remoto. 2. Ato de mudar rápida e repetidamente de canal de televisão ou frequência de rádio, de forma a encontrar algo interessante para ver ou ouvir, geralmente através de um controle remoto. Significa também interagir com as informações de modo

recortado. O termo talvez tenha se originado da onomatopeia *zap!*, que remete a algo feito rapidamente, tal qual o zapear constante que algumas pessoas fazem por não achar nada que agrade na programação disponível ou simplesmente por hábito. Etimologicamente, o zapear também significa demonstração de angústia, desatenção, hiperatividade, tique ou mania. 3. Há também o substantivo *zapeamento*: fazer o *zapping*, ato de zapear.

MD Magno, criador da Nova Psicanálise³, vem pensando, desde os anos 1980, as grandes transformações que já se anunciavam no mundo⁴ e se aproveita do termo

³ A Nova Psicanálise ou NovaMente é uma reformulação da psicanálise feita por MD Magno a partir do conceito freudiano de Pulsão (considerado conceito fundamental da psicanálise) e dele são extraídas novas articulações para o entendimento da mente e sua interface com o ambiente em que vive. Esta teoria tem se mostrado compatível com as complexas questões contemporâneas em múltiplos campos do conhecimento, com proposta originais sobre mente, arte, política, conhecimento, comunicação e tecnologia. Os Seminários, Falatórios e SóPapos do autor estão sendo publicados desde 1977. Maiores informações: www.novamente.org.br.

⁴ Em 1985, no seminário *Grande Ser Tão Veredas*, Magno apresentou uma análise da cultura contemporânea em processo de explosão e contrapôs a *bomba atômica* – a grande ameaça desde a Segunda Guerra Mundial –, à *Pomba Adâmica*, como metáfora da dissolução generalizada dos valores e fundamentos das sociedades ditas modernas ou contemporâneas. Tratava-se do movimento dispersivo das redes midiáticas informacionais – mistura de informática com cultura de massa –, que iria explodir a “ordem social”, como de fato aconteceu. Governos e lideranças mundiais tentam administrar a turbulência generalizada, mas isso é praticamente impossível, pois o artificialismo tecnológico e o capitalismo disseminam cada vez mais essa Pomba Adâmica pelas redes de comunicações, e produzem erosão generalizada dos discursos vigentes na atualidade.

Homo Zapiens, já incorporado à língua portuguesa, para propor uma *generalização* dessa ideia. Para o autor, a ação de zapear qualquer coisa que se apresente é um traço marcante do advento de uma nova era, de um novo império cultural, o Quarto Império (Império d’OEspírito)⁵, no qual se intensificam a cultura do conhecimento e a disseminação generalizada da informação, a movimentação plena de quaisquer possibilidades em jogo na transação e no comércio generalizado de quaisquer formações ou transas. Isto, sem que nenhuma delas seja tomada como ideia fundamental ou hegemônica da situação.

Homo Zapiens [...] é aquele do saber e do comportamento *ad hoc* que estão entrando no Planeta. (...) Falam hoje do aparecimento da *geração Z*, justamente por ser a geração cuja característica principal é zapear. Minha impressão é de que isto extrapolou o uso da televisão e da internet. Estamos entrando num momento que chamo de *Quarto Império* – e a característica das pessoas neste Império é justamente... zapear. Por isso, as chamo de *Homo Zapiens* (MAGNO, 2016, p. 257).

Zapear o quê? Já não se zapeia apenas a televisão e a internet: o zapeamento tornou-se um modo de lidar com a informação. Não há mais a concentração ideológica de um só

⁵ Cf. a sessão 5. *O Creodo Antrópico em Razão de um percurso* (2016), p. 197-213, na qual Magno faz a apresentação dos Impérios Culturais e suas referências, segundo a Nova Psicanálise.

discurso, a um só pensamento, habitualmente tomado como crença ou referência. *O pensamento é tomado como mera caixa de ferramentas à disposição do Homo Zapiens, o homem do pensamento e do comportamento ad hoc, caso a caso, que se afasta de configurações ideológicas, políticas, filosóficas ou artísticas pré-determinadas.* As grandes narrativas (LYOTARD, 1986), as grandes configurações de mundo, estão se dissipando e as pessoas zapeiam o que quer que se apresente (no pensamento, no comportamento, nas obras artísticas e/ou científicas), e se aproveitam do que quer que esteja disponível, com sua *serventia circunstancial e pragmática*. As configurações do século XX estão disponíveis para serem zapeadas, e não mais para serem tomadas como verdades a serem seguidas (MAGNO, 2016). Vemos que o sentido de *Homo Zapiens* ganha outra dimensão, para além de um novo modo de lidar com as mídias eletrônicas: ele metaforiza a maneira de abordar a multifariedade de formações disponíveis no mundo, tratando o conhecimento como algo que se negocia, e sempre em um contexto de mudança, em um contexto específico. Tudo está em mutação e o conhecimento de hoje pode não valer mais amanhã. As decisões, portanto, precisam ser seletivas, recortadas e *ad hoc*.

Exemplos desse comportamento *zapping* pode ser a moda entre os jovens de estar com várias pessoas ao mesmo tempo, sem relacionamento fixo (o “pegar”, o “ficar”), como designação de uma transa momentânea e descompromissada entre *pequetes* e *ficantes*. A tendência de trabalhar em lugares diferentes, ter tidos vários empregos em um período curto de tempo, que mescla trabalho, consumo, transporte e educação em um só pacote. Em uma sociedade caracterizada pela “ubiquidade nômade” (ATTALI, 2008) – interconectada e portátil –, as pessoas mudarão de empresa, de residência e de cidade com maior frequência. O zapeamento pode ser visto como uma estratégia para lidar com a abundância de dados disponíveis. O modo de ação do *Homo Zapiens* – cuja expressão mais refinada é o *hacker*⁶ –, antes excepcional e secreto, está se tornando a maneira de lidar com as redes midiáticas de informação.

⁶ “Em informática, *hacker* é um indivíduo que se dedica, com intensidade incomum, a conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos, programas e redes de computadores. Graças a esses conhecimentos, um hacker frequentemente consegue obter soluções e efeitos extraordinários, que extrapolam os limites do funcionamento “normal” dos sistemas como previstos pelos seus criadores; incluindo, por exemplo, contornar as barreiras que supostamente deveriam impedir o controle de certos sistemas e acesso a certos dados” <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hacker>>, (acessado em 18/12/16).

Era das próteses (os artificios): por que podemos zapear à vontade?

A abertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, no Maracanã, nos brindou com um espetáculo de rara beleza: a dança da paratleta de *snowboard*, Amy Purdy, com um robô industrial de movimentos precisos e elegantes. Foi uma *performance* estética e erótica da transa entre humano e máquina.

Fica evidente que ingressamos na *era das próteses*. A ideia de um *artificialismo radical*, em vigor no pensamento psicanalítico atual – que inclui novo entendimento da mente, da técnica, da arte e da cultura –, possibilita uma leitura mais precisa do poder das tecnologias no turbulento mundo atual, além de indicar e sugerir soluções e saídas *ad hoc* para os conflitos em que estamos imersos (SILVEIRA Jr., 2006). De fato, sempre fomos protéticos, dada a mente artificialista que portamos, mas a crescente convergência entre o humano e as próteses torna mais clara a *presença* dos artificios e dos artefatos que usamos. Eles se impõem aos nossos sentidos e afetos. Graças às conexões de todo tipo (tecnológicas, físicas, biológicas e psicológicas), dispomos de meios rápidos, poderosos, indistintamente disseminados, de intervenção na realidade, agora entendida genericamente como *pacotes de*

informação. Segundo Naím (2013), trata-se da cultura do *mais*, da *mobilização* e da *reconfiguração da mente*. É também o momento do *Homo Zapiens*, em franco empoderamento na cibercultura.

Qualquer produção para nosso tempo terá que ser uma construção facilmente *zapeável*, e não uma pregação ideológica com vontade de validade universal. Uma máquina ou aplicativo (*app*) capaz de funcionar e ser utilizado nas mais diversas maneiras, e que tenha competência de produção tão múltipla que não deixe de oferecer a qualquer *zapeador* alguma coisa que possa lhe interessar. Isto só se tornou possível devido à tecnologia, ou à PROTÉTICA, cada vez mais competente para dissolver as fronteiras estabelecidas entre as formas de conhecimento existentes, e para poder reorganizá-los de outros modos, segundo os interesses *ad hoc*. Sem os devidos meios, não teríamos condições de produção das próteses requeridas por nossa mente (MAGNO, 2016, p. 258).

Mente em Revirão: artificialismo radical

Em *A condição humana* (1958), Hannah Arendt afirma com um tom de preocupação:

O mundo – artifício humano – separa a existência do homem de todo ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos. Recentemente a ciência vem se esforçando para tornar “artificial” a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. (...) Esse homem futuro, que segundo os cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada – um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando), que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo. Não há razão para duvidar de que sejamos capazes de realizar essa troca, tal como não há motivo para duvidar de nossa atual capacidade de destruir toda vida orgânica na Terra (ARENDDT, 1985, p. 10-11).

A preocupação de Arendt se tornou trivial. Hoje, consideramos senso comum o reconhecimento de que o *homem é um ser artificialista e tecnológico*, um “*deus de prótese*”, como disse Freud. Cria mundos mediante os artifícios que inventa e artefatos que fabrica. Temos evidentemente *competência mental* para isso. As marcas que o homem deixa no planeta, desde a domesticação do fogo às mais complexas naves espaciais, dão prova de sua vocação artificialista. A viagem tripulada ao planeta Marte está prevista para a década de 2030. Nesse sentido, todas as formas de arte e de técnica atestam os mais variados interesses que ultrapassam a utilidade imediata de qualquer artefato e se constituem como *extensões da nossa mente e de*

nosso corpo (McLUHAN, 2005). Também pode-se verificar que não há barreira intransponível ou heterogeneidade entre o que construímos artificialmente e o mundo natural e físico em que vivemos (ARAUJO, 2011).

A Nova Psicanálise apresenta uma hipótese para esta competência artificialista de nossa Mente. Toda produção artística e tecnológica feita pelo homem resulta de uma *função de simetrização*, a *função catóptrica* (= espelho) da Mente. Um espelho catóptrico é entendido como um espelho de *avessamento absoluto* – muito além do avessamento de imagens dos espelhos comuns. O *princípio de catoptria* ou *princípio do espelho* apresenta a Mente como competência de avessamento ou simetrização em consonância com a ideia de *pulsão* [de morte] (*Trieb*) como *desejo de simetria absoluta*, absolutamente impossível. A Nova Psicanálise anota isso como *Haver desejo de não-Haver* (MAGNO, 2008). A Mente é concebida como *máquina que espelha* ou *revira* o que quer que se lhe apresente, produzindo o arquivo infinito de artifícios com que a humanidade convive há milhares de anos. Esse pensamento destaca a função de *avessamento* ou *revirão* de que o cérebro é capaz como sendo a *função originária* que teria tornado possível o surgimento da linguagem, da arte, da técnica, da ordem

simbólica (com suas transcrições ou traduções culturais e comportamentais) (MAGNO, 2016, p. 170).

A *mente em revirão* está em perene movimento de transição, de ultrapassagem de quaisquer formações dadas aqui e agora. Sempre queremos mais, nosso movimento mental é excessivo. O desejo de transcender nossas limitações sempre esteve presente em nossa busca de conhecimento e de produção tecnológica. Nessa linhagem do pensamento artificialista e protético vemos propostas atuais como o *transumanismo* (abreviado com H+ ou h+) (ou *pós-humanismo*, *super-humanismo*, *hiper-humanismo*, *ex-humanismo*, *ciborgue*, *etc.*), que têm por objetivo “melhorar” a “condição humana” pelo uso da razão e da técnica, desenvolvendo, tornando acessíveis tecnologias (próteses) que permitirão melhorar as capacidades físicas e psicológicas do homem. O objetivo ultrapassa os limites da “condição humana” (sofrimento, envelhecimento, morte, a inteligência limitada dos humanos e de suas máquinas). Busca-se de *redesenhar a condição humana*, concebê-la ou fabricá-la como uma máquina ou artefato, entendendo o humano como algo em *transição*, em direção a um estado no qual essa espécie terá dado lugar a uma outra, que ela mesma fará nascer. Os pós-humanos serão mais parecidos com máquinas

do que com humanos: a cada momento, poderão refabricar à vontade seus corpos e suas mentes. Há mesmo a *World Transhumanist Association* que congrega milhares de membros em várias partes do mundo. Os livros de Ray Kurzweil, *The singularity is near* (2005) e de Michio Kaku, *Física do futuro* (2012), esboçam várias tecnologias de aprimoramento humano e dão uma visão sobre como estas tecnologias podem impactar a raça humana.

Nova Psicanálise e IA - Inteligência Artificial

Em vez ideias como sujeito, humano, pós-humano, transumano, hiper-humano, ciborgue, etc., a Nova Psicanálise propõe o conceito de IDIOFORMAÇÃO ou PESSOA (Idioformação em nosso caso), que pode ser muito útil para o entendimento da realidade tal como ela se apresenta. Qualquer formação que se constitua de Primário (artifícios espontâneos) + Secundário (artifícios industriais) + Originário (Revirão) é uma Idioformação. Para Magno, somos *polos* aglutinados de maneira recalcada em uma formação biológica. Esses polos são constituídos de muitas formações: *formações primárias*, que são tudo que podemos vir a conhecer sobre a base constituída biologicamente; *formações secundárias*, que são tudo que diz

respeito à ordem da pura ARTiculação, da informação; e o *Originário*, o revirão, que só é conhecido entre nós, na condição humana: é a competência de dizer *não* e virar pelo avesso, para qualquer lado a qualquer momento. Isto é uma Pessoa. Cada polo, pessoal ou não, tem um *foco*. O polo parece ser bem desenhado devido às configurações de seus focos, mas o polo tem também *franjas*, que podem ser infinitas. Até onde vai a transa de uma Pessoa com o universo, por exemplo? As *Pessoas são polares*, com *focos* perceptíveis, mas o foco pode mudar de lugar possibilitando assim novas configurações pessoais (MAGNO, 2016).

A competência de revirão das Idioformações pode levá-las, inclusive, à tentativa de se auto-replicar, se auto-fabricar por via protética. Essa ideia vem de muito longe e é facilmente rastreável nas narrativas literárias, desde o mito adâmico do Gênesis, os feitos de *Prometeu* na mitologia grega, o *Golem* do rabino Judá Loew ben Betzalel, o *Frankenstein* de Mary Shelley, às narrativas do cinema contemporâneo (*Metrópolis* (1927); *2001: uma odisséia no espaço* (1968); *Blade runner* (1982); *Eu, robô* (2004); *Ex-machina* (2015) e tantos outros) que insistem na mesma narrativa mitopoética. Quanto a esse aspecto, Magno afirma sobre as Idioformações que:

Quer me parecer que as Idioformações, onde quer que surjam, estão disponíveis ou não à nossa observação, elas terão tendência a virar pelo avesso, a não ficar mais imediatamente submetidas a processos evolutivos como um pensamento darwiniano, e serão capazes de, elas mesmas, começarem a produzir artefatos, artifícios e maneira a reinstalar a máquina de Revirão no mundo através de qualquer tipo de tecnologia (MAGNO, 2003, p. 44).

A ideia de Idioformação é muito rica: dada a competência de revirão, *somos artificialistas desde sempre*. Agora que temos mais conhecimento para produção de próteses, certamente que novas criações irão surgir. O que virá a seguir a este estágio do *humano*? Que novas máquinas virão?⁷

O panorama atual que se apresenta parece ter o seguinte encaminhamento: em algum lugar do futuro, é possível que venha a se construir computador, máquina, robô, ciborgue, no qual vai se buscar a reprodução do Primário por via de seu entendimento de construção, *artificialmente*, e não por sua reprodução biológica (MAGNO, 2003).

⁷ (MAGNO, 2003, p. 45): “A tendência [...] será o entendimento cada vez mais aproximado disso (máquinas revirantes) e o tesão de produção de máquinas, que podem ser simplíssimas – coisas e ferramentas utilizáveis no mundo ou discursos, poemas, canções, sei lá o quê – que coloco no mesmo nível do artifício, portanto no mesmo nível da Arte. *É a tendência a levar as Idioformações à reprodução (não diretamente por via primária, não necessariamente por fornicção ou junção de laboratório de gametas em vidros, mas) industrial de sua própria construtividade, de seu próprio modo de construção*”.

Dennett (1991), por exemplo, na tentativa de descrever o atual momento da Inteligência Artificial, identificou uma série de máquinas que apresenta programas que simulam gradativamente semelhanças com articulações da mente humana: a) máquinas de Turing; b) máquinas de von Neumann; e c) Máquinas joyceanas⁸. Para Magno, isso ainda é pouco: falta a Máquina de Revirão. Ele se pergunta:

Que maquininha, para além das de Turing, Von Neumann, Joyceana, etc., podemos pedir que se instale no seio dessa produção de maneira a aumentar a possibilidade de sonhação com essas construções, desses aparelhos de abordagem no nível genético, biológico, computacional, lógico, uma maquininha que invoque a HiperDeterminação? Estou, então, querendo dizer que, para além dos acoplamentos e conexões complexas que já podem ser feitas por aí no campo das engenhocas – e que já são falhas, pois não se faz um cyborg legal –, temos que pensar mais (MAGNO, 2003, p. 52/53).

A máquina de Revirão, se puder ser instalada em nível computacional, teríamos um computador com a disponibilidade de, ao que quer que se colocasse para ele, poder dizer não apenas *não* como também enunciar um contrário. Enunciado um contrário, a plenitude plerômica comparece como possibilidade (MAGNO, 2003). Teríamos,

⁸ Para um maior entendimento das máquinas propostas por DENNETT, remetemos o leitor ao seu livro *Consciousness explained* (1991) ou a ALONSO (2012), no ensaio *A nova mente da máquina: da máquina de Turing à máquina plerômica (revirão) de MD Magno*.

então, uma máquina com competência artificialista homóloga à nossa.

O espírito da máquina

Os humanos não são mais donos da máquina do que o são do fogo ou da roda. As formas artificiais de vida e inteligência que estão sendo construídas hoje escaparão do controle humano do mesmo modo como fizeram as formas de vida que ocorreram espontaneamente. Poderão inclusive substituir seus criadores. A “evolução digital” já está acontecendo e o ambiente virtual não é mais controlável do que o “ambiente natural”. Quem pode desligar a internet, por exemplo? No momento em que um sistema seja entregue a um software “vivo” capaz de reprodução ou replicação, não haverá mais retorno possível. O medo de que os humanos sejam suplantados por máquinas tem sido expresso por muita gente (GREY, 2005). Podem ser exemplares desse temor, por raciocínios diferentes, do pensamento de Heidegger⁹ sobre a técnica, as declarações de Bill Joy¹⁰ e de

⁹ HEIDEGGER, *A questão da técnica* (2001).

¹⁰ JOY, *Por que o futuro não precisa de nós* (2003).

Theodore Kaczynski (Unabomber)¹¹, às recentes afirmações de Stephen Hawking¹² sobre os perigos da Inteligência Artificial.

A anunciada substituição da humanidade por seus próprios artefatos tem gerado diversas posições, a favor ou contra esse movimento, que está se acelerando e se tornando irreversível. O temor das “máquinas conscientes”, ou segundo a Nova Psicanálise, “máquinas revirantes”, vem da suposição de que esses atributos, *consciência* ou *capacidade de revirão*, sejam exclusivamente humanos. Esse tipo de crença ou de suposição vem do arraigado humanismo que Freud já havia ferido mortalmente ao anunciar que a psicanálise apresentava, de forma incontroversa, uma “terceira ferida narcísica”¹³. Ao escapar do domínio humano, as máquinas farão mais do que apenas se tornarem conscientes. Elas se tornarão *Idioformações*, “máquinas espirituais”, com a competência de *revirão*, aquela que justamente nos torna seres rebeldes e artistas. Não temos a

¹¹ KACZYNSKI (Unabomber), *Industrial Society And Its Future (The Unabomber Manifesto)*, (19/09/1995).

¹² HAWKING, <<http://veja.abril.com.br/ciencia/stephen-hawking-inteligencia-artificial-pode-acabar-com-a-humanidade/>> (03/12/2014).

¹³ Cf. FREUD [1917] (1976), ensaio no qual o autor descreve as três grandes “feridas narcísicas” da humanidade.

menor ideia de como isso pode ser feito. O mundo digital foi inventado como extensão de nossa mente, mas começa a transcender essa limitação. As máquinas poderão ter “alma” própria, e assim também vir a constituir um Secundário inteiramente diferente do nosso, com seu próprio desenvolvimento.

Nesse sentido, a ideia de Idioformação ou Pessoa pode ser ferramenta útil na consideração e entendimento do mundo atual. Como vimos, o ser humano é um caso de Idioformação aqui no planeta Terra. Mas quantas outras formas de Idioformação haverá no Universo ou podem emergir futuramente entre nós? Nosso atual estágio tecnológico certamente não é definitivo nem tampouco a última expressão de nossa mente. Entre nós, trata-se de uma construção “in progress” e a mente em Revirão, encarnada neste primata, progressivamente vem dele extraindo novas possibilidades de próteses produzidas por essa mente artificialista. *A Inteligência Artificial – assim nomeada por se opor a uma suposta “Inteligência Natural” – é, de fato, descrita de maneira plena pelo Revirão (e seu princípio de catoptria): uma mente artificialista, artística e protética, que possibilita a criação de novos mundos.*

Em suma...

Somos artificialistas, criadores de próteses, inventores de mundos. Nossa *mente em revirão* (em espelho) é capaz de produzir progressivamente as próteses que desejamos. Nem todas de que precisamos, mas há progressão e acréscimo permanente. E novas Idioformações podem surgir entre nós. Lembremos o androide Roy no filme *Blade runner*, já agora meio antigo, mas muito atual: “Nós não somos computadores. Nós somos organismos vivos”, ao requerer para os outros androides e para si mesmo o tratamento dado aos humanos. Essa é a razão do conflito entre humanos e androides que, afinal, não eram mortos ou assassinados, mas apenas *aposentados*. Qualquer semelhança com a realidade brasileira atual não é mera coincidência. Vemos abordada nesse filme a questão da possibilidade de emergência de Idioformação, por via protética, com a competência de Revirão e chance de novas possibilidades de existência.

A aceleração promovida pelas próteses eletrônicas e digitais tem o efeito de ampliar e recompor a realidade como a conhecemos. A quantidade astronômica, *ziliônica* (a ciência dos zilhões) de informação, afeta nosso modo de conhecer e produz novas exigências a respeito do mundo que habitamos. Em princípio, as próteses são neutras,

indiferentes: o problema é o uso ideológico que dela fazemos, e assim começamos a estragá-las muito cedo. Há que usá-las adequadamente, zapeá-las à vontade. Esse é o nosso principal modo de ação na rede de informação: zapear o que quer que se apresente, produzindo uma pletora de fragmentos e pedaços que são permanentemente recombinados *ad hoc*, segundo o interesse do momento. O *Homo sapiens* não apenas representa uma geração que faz as coisas de maneira diferente, mas é um expoente das mudanças sociais relacionadas à globalização, à personalização e ao uso artificialista do que quer que compareça em nosso mundo cibernético. O comportamento do *Homo Sapiens* é uma oportunidade para pensar o mundo futuro. Em vez de considerá-los uma ameaça e de negligenciar suas práticas, devemos olhar para esse modo de operação como uma maneira de pensar o novo império cultural que ora se anuncia.

Parafraseando Publio Terêncio Afro: “*Homo sum: nihil humani a me alienum puto*”, poderíamos dizer: “*Sou humano e nada do que é humano me é estranho*”. E mais: “*Nada do que é protético me estranho*”. Ou, pelo menos, não deveria ser, pois nossa mente revirante e artificialista é capaz de zapear o mundo disponível.

Referências

ALONSO, Aristides. *A nova mente da máquina e outros ensaios*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2012.

ARAÚJO, Rosane. *A cidade sou eu*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2011.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1987.

ATTALI, Jacques. *Uma breve história do futuro*. Osasco: Novo Século Editora, 2008.

DENNETT, Daniel. *Consciousness explained*. The Pinguin Press, 1991.

DUPUIS, Jean-Pierre. O transumanismo e a obsolescência do homem. In: *A condição humana: as aventuras do homem em tempo de mutações*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo, Edições SECS SP, 2009.

FREUD, Sigmund. *Mal-estar na civilização* [1930]. ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* [1917]. ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GREY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais*. Rio de Janeiro: Record, 2005

HAWKING, Stephen. <<http://veja.abril.com.br/ciencia/stephen-hawking-inteligencia-artificial-pode-acabar-com-a-humanidade/>>

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOY, Bill. *Por que o futuro não precisa de nós*. In: YEFFETH, Glenn (org.). *A pílula vermelha: questões de ciência, filosofia e religião em Matrix*. São Paulo: Publifolha, 2003.

KACZYNSKI, Theodore (Unabomber). *Industrial society and its future*. The New York Times e The Washington Post, 1995.

KAKU, Michio. *A física do futuro: como a ciência moldará o destino humano e nosso cotidiano em 2100*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

KURZWEIL, Ray. *A era das máquinas espirituais*. São Paulo: Aleph, 2007.

_____. *The singularity is near*. New York: Vikings, 2005.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MAGNO, MD. *Razão de um percurso*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2016.

_____. *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2003.

_____. *A psicanálise, novamente*. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

NAÍM, Moisés. *O fim do poder*. São Paulo: Leya, 2013.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Homo civilis (ou Homo sapiens 2.0). In: *A condição humana: as aventuras do homem em tempo de mutações*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo, Edições SECS SP, 2009.

PELEVIN, Victor. *Homo zapiens*. Canada: Pinguin Books, 2002.

SILVEIRA Jr, Potiguara Mendes da. *Artificialismo total: ensaios de transformática: comunicação e psicanálise*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.

VEEN, Win e VRAKKING, Ben. *Homo zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009.